CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CORRESPONDÊNCIAS – RITA AZEVEDO GOMES | REALIZADORA CONVIDADA
21 de Novembro de 2026

A COLECÇÃO INVISÍVEL / 2009

um filme de RITA AZEVEDO GOMES

Realização: Rita Azevedo Gomes *Argumento*: Rita Azevedo Gomes, *a partir do conto homónimo de* Stefan Zweig (*Die Unsichtbare Sammlung*, 1925) *Fotografia*: Jorge Quintela *Som directo*: Olivier Blanc, David Almeida Ribeiro *Montagem*: Patrícia Saramago *Música*: Gustav Mahler (Sinfonia nº 4), Françoise Hardy (La Tua Mano) *Desenho de som*: Nuno Leonel, Joaquim *Pinto Montagem de som e mistura*: Tiago de Matos, Joaquim Pinto *Décors*: Ricardo Preto *Assistente de realização*: Jorge Lopes *Assistente de rodagem*, *Anotadora*: Mariana Castro *Interpretação*: Rita Durão (Claudina), Duarte de Almeida (Tavares, o Coleccionador), Jorge Molder (Telles, o Alfarrabista), Anna Leppänen (Rapariga no corredor), Rita Azevedo Gomes (voz no início, não creditada).

Produção: A Produtora, Rita Azevedo Gomes (Portugal, 2009) *Cópia*: betacam, cor, 48 minutos *Primeira exibição na Cinemateca*: 23 de Setembro de 2009 ("Ante-estreias / In Memoriam Duarte de Almeida").

A COLECÇÃO INVISÍVEL é apresentado numa betacam digital, mantendo o formato original da época com as suas características de imagem e som. No alinhamento da sessão sucede a ON DANGEROUS GROUND (Nicholas Ray, 1952), "folha" distribuída em separado. Entre os dois filmes há um intervalo de 10 minutos.

Apesar de tudo gosto da minha época porque é a época em que falta tudo
e, exactamente por isso, talvez seja o verdadeiro tempo do conto de fadas.
Tudo aquilo a que certos homens nunca renunciam, que quanto mais os apaixona mais parece perdido e esquecido.
Tudo o que se vai buscar bem longe, mesmo com risco de vida, como a rosa de Belinda em pleno Inverno.

da voz inicial da narradora de A COLECÇÃO INVISÍVEL

Por entre uma profunda beleza de imagem, objectos e personagens transportam-se para a pátria do esquecimento. Um filme de tristeza, este, o de Rita Azevedo Gomes, em que a memória se converte num símbolo pedido à palavra de Stefan Zweig e à música de Mahler; em que a memória nos diz que a tristeza da imagem nos chega límpida, sem qualquer amargura — somente triste —, pois as aparências enganam-nos. Sob os nossos olhos caem desenhos de Dürer sobre desenhos de Rembrandt: folhas brancas sobre folhas vazias.

João Miguel Fernandes Jorge

João Bénard da Costa teve uma vida como Duarte de Almeida, que começou no PASSADO E O PRESENTE quando Manoel de Oliveira, que em 1971 conhecia sem intimidade, o convidou para um papel no filme. O que aceitou sem muito pestanejar, mesmo desconfiando dos dotes de actor. Contava ele que desde aí aceitou sempre, sempre que o convite veio de alguém em quem confiava. Foram muitos Oliveira (em O CONVENTO e ESPELHO MÁGICO teve papéis "grandes", embora ao todo tenha participado em mais de uma dezena de filmes de Oliveira e seja o seu Papa em RENCONTRE UNIQUE), mas Duarte de Almeida também deixou a sua marca em filmes de Paulo Rocha (O DESEJADO), João César Monteiro (RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA), Fernando Lopes (O DELFIM) ou Raoul Ruiz (THE TERRITORY, LA VILLE DES PIRATES, COMBAT D'AMOUR EN SONGE). E Rita Azevedo Gomes, que lhe dedica o recente A VINGANÇA DE UMA MULHER, o filmou desde O SOM DA TERRA A TREMER e que é difícil imaginar tivesse feito FRÁGIL COMO O MUNDO sem ele. A COLECÇÃO INVISÍVEL foi o último filme de Duarte de Almeida. João Bénard da Costa não chegou a vê-lo, quase parece uma partida com a invisibilidade do título à volta da qual anda o filme, como anda o conto de Zweig que Rita Azevedo Gomes livremente adapta pondo-o, a Duarte de Almeida, no papel do

coleccionador apaixonado que "só" na imaginação *vê* valiosamente a valiosa colecção de gravuras em pastas que já não a guardam.

A tristeza de que João Miguel Fernandes Jorge fala na citação em epígrafe é um termo justo para A COLECÇÃO INVISÍVEL, o filme em que vemos "folhas brancas sobre folhas vazias" sentindo o mesmo grau de perturbação do alfarrabista (Jorge Molder) que visita o antigo freguês da casa Telles (Duarte de Almeida) consentindo na ilusão pedida pela filha do velho coleccionador que nunca renunciou à colecção que conhece de cor, detalhadamente, nos pormenores dos traços e das cores como na ordem em que a "arquivou", como o mais inestimável dos bens. É com o alfarrabista que "vê" as imagens dos Dürer ou dos Rembrandant que não estão entre as molduras e as folhas de papel de vegetal amorosamente desfolhadas. Nunca é preciso que seja dito que o velho Tavares é um homem cego, como não é preciso que os seus olhos sejam filmados – parece mesmo que nunca são, o coleccionador é sempre filmado de soslaio, mas ligeiramente – para que assim que o visitante chega àquela casa se perceba a condição de cegueira física do coleccionador. Está tudo nos olhos dos outros, da filha (Rita Durão), do alfarrabista que ali chega mal preparado para a inquietação da experiência que o aguarda e se recompõe para estar à altura dela. A profunda tristeza de "tudo aquilo" emparelha inquietantemente com a emoção de alegria do coleccionador orgulhoso em mostrar as suas pastas a alguém que, como ele, as saiba apreciar. Poupado à crua realidade, o coleccionador vive daquilo que (fisicamente) já não vê e daquilo que (efectivamente) já não tem, do mesmo e com o mesmo espanto de que aparentemente fez a sua vida quando contava com os olhos para a ver. Por isso pode ser infantilmente teimoso (como quando o alfarrabista não pode ficar ali) – "Sou teimoso, claro que sou teimoso, só se aprende nesta vida com a teimosia […] Mas eu não estou a dormir, eu não quero dormir. Tempo, tempo, tempo […] Já cá não estarei muito tempo e com a graça de Deus ninguém cá fica." Por isso pode ser feliz, pelo menos aos olhos de outros – "os coleccionadores são pessoas felizes", aprende o alfarrabista, que também se compromete com a promessa não cumprível de, leiloando um dia a colecção, fazer imprimir o belo catálogo que o velho coleccionador quer como pedra tumular e afirma como único desejo.

Há uma fé nas imagens do protagonista desta COLECÇÃO INVISÍVEL, pela memória indestrutível que delas tem e se alimenta em reclusão do mundo. Também há, neste filme, de algum modo minimalista na sua concentração, nas personagens, a ideia do que extravasa para o cinema, explicitamente nos dois ou três momentos que "suspendem" o curso da história: um diálogo repetido, uma claquete em campo, a rapariga que por ali deambula, a sequência em que, olhando uma gravura na parede praticamente despida, o alfarrabista parece atravessar uma das tais portas que, diz-se no filme, estão cheias "de sonhos difíceis".

No conto de Zweig, publicado em 1925, a história remonta à Alemanha da Primeira Guerra e aos tempos difíceis da crise que se seguiram (justificando a venda da preciosa colecção pela família do velho coleccionador, mas desde logo a decepção do antiquário com os tempos que correm, que é que o põe no encalço do misterioso e desaparecido velho cliente). Sem alterar muitos tais iniciais premissas, noutro tempo e noutro lugar, o filme de Rita Azevedo Gomes foi filmado em 2009. Estes anos depois, outros tempos, outras crises, a noção de perda das coisas cuja estima não tem preço pode ter um travo mais amargo. O "resto" são questões de sempre, "sonhos difíceis", a perturbação dos enganos, aparências, persistências com os seus versos e reversos. E a tristeza do filme invadida pela sinfonia de Mahler e a não menos triste leveza da canção de Françoise Hardy, tão inesperada no fim de A COLECÇÃO INVISÍVEL como a canção de Janis Joplin em A CONQUISTA DE FARO, o filme em que Rita Azevedo Gomes filma um burro para cá de uma auto-estrada num longo plano sequência que não se esquece.

Maria João Madeira